

## “JOGARAM MENTOS NA GERAÇÃO COCA-COLA”: A ONDA DE OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO PARANÁ – O EMPODERAMENTO DOS ALUNOS

**Carla Cattelan**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Professora pela SEED - PR  
[carla.cattelan@gmail.com](mailto:carla.cattelan@gmail.com)

**João Paulo Danieli**

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e Professor pela SEED - PR  
[joaopaulojb@gmail.com](mailto:joaopaulojb@gmail.com)

**Resumo:** O trabalho consiste em compreender a “onda” de ocupação das escolas e universidades organizadas pelos estudantes do Estado do Paraná no ano de 2016. O movimento que teve início no Paraná e se espalhou como uma *onda* por todo o país promoveu a abertura a novas possibilidades de compreensão da autonomia e do empoderamento do alunado, bem como o uso das mídias em prol de seus interesses. A pauta dos movimentos teve suas especificidades, mas se unificou na questão da votação da Medida Provisória (MP 746), que traria uma nova conotação para o Ensino Médio. Este movimento de reivindicação de pautas, discussão política e fomento a construção de espaços de autonomia e liberdade nas escolas, permitiu a emergência de relações de empoderamento e construção de práticas sociais vistas seus sujeitos. Ao estudar este movimento buscamos analisar sua emergência e as possibilidades, por meio de suas ações e pautas, de construção de uma consciência coletiva, amparado pelo empoderamento de classe e sujeitos no ambiente escolar e social.

**Palavras-chave:** Ocupação das escolas, Paraná, Empoderamento.

### 1. Introdução

[...] os jovens estão gritando a plenos pulmões sob o sol e a chuva traz uma lufana de esperança. Talvez esta nova geração, auxiliada pelas trocas e conexões possibilitadas pela tecnologia, faça a diferença de uma forma que os que viveram antes não conseguiram (SAKAMOTO, 2012).

O presente estudo tem por objetivo analisar e discutir a “onda” de ocupações das escolas no Paraná, e disseminadas em todo o Brasil em outubro de 2016. O uso da mídia, e o empoderamento dos alunos a partir do diálogo e organização coletiva.

**Mas porque o Paraná?** As ocupações iniciaram, em 2016, no Paraná, com 80% de adesão das escolas, e se disseminaram por todo o Brasil. Pelo fato de que existiam movimentos de luta e resistência antagônicos, ocorridos em anos anteriores na esfera educacional no Paraná. Como os episódios violentos do massacre de 29 de abril, onde, em 2015, os docentes foram “brutalmente atacados” pela força repressora do Estado com bombas de gás, balas de borracha, cachorros e força

brutal. Enquanto lutavam e protestavam contra o saque dos recursos previdenciários dos servidores, além do fechamento de salas de aula, falta de merenda, e a instituição da “lei da mordaca”, que proíbe a discussão de questão de gênero, política e sexualidade no ambiente escolar, dentre outros. Em nível nacional, ocupações aconteceram em 2015, em São Paulo, pela qualidade da merenda.

**Qual foi a reação?** A reação dos educadores e demais servidores, em 2016, contra as medidas do Governo do Estado foi a GREVE. E quanto a PEC 241 e a Reforma do Ensino Médio, foram as Ocupações ocorridas em escolas e universidades em todo o Estado do Paraná.

Neste contexto é importante suscitar a questão do empoderamento do grupo, que busca a participação coletiva e atos de decidir democraticamente que visam potencializar a consciência e o conhecimento. Necessários para a emancipação política e social, no que tange as ideologias disseminadas pela sociedade capitalista.

Partimos da premissa de que o momento de ocupação física das escolas/universidades é a materialização das dimensões políticas e educacionais que os estudantes estavam fazendo em seus locais de estudo. Foi o “despertar” do entendimento de que as escolas não são próprias construções do Governo, mas são escolas que pertencem à comunidade, a sociedade, enfim à eles.

Para refletir sobre as ocupações utilizamos recortes de falas, jornais e mídia. Elucidando as ideologias de classe compostas nos fragmentos e falas midiáticas. Incorporando a discussão sobre o político e pedagógico a partir das leituras de Freire, Bonilla e Preto, Arroyo, Nosella dentre outros.

## **2. “Como uma onda no mar”: o empoderamento e a construção da práxis social, a partir da consciência coletiva desenvolvida *antes, durante e pós* ocupações das escolas no Paraná**

*Como uma onda no mar*<sup>1</sup>. Assim escreveu Nelson Motta e materializou-se na voz de Lulu Santos, no início da década de 1980. *Como uma onda no mar*, música oportuna para conduzir a reflexão a cerca do Movimento de Ocupações das Escolas e Universidades no Paraná. Pois, inicialmente nos fez lembrar de uma frase que ouvimos de um colega (professor) no início das ocupações: “Eles vão na onda, são jovens”. A princípio a frase soou como modismo, ou “vai ocupar a escola porque esta na moda” ou “não tem nada para fazer”

---

<sup>1</sup> Música Lulu Santos “Como uma onda no mar”. Composição de Lulu Santos e Nelson Motta.

ou ainda, “querem folia e anarquia”, como se o jovem não tivesse a capacidade de pensar, indagar e lutar pelos seus próprios direitos. O dicionário, em sua definição complementa este pensamento social cristalizado: “onda”, além de sua definição de fenômeno natural, caracteriza-se como “moda, tendência,” e “vai na onda” como “ir na conversa de alguém, ser influenciado negativamente” (Dicio.com, 2017). Mas o que seria “ir na onda”?

Consideramos *onda* em uma definição mais complexa. Enquanto movimento, do qual não querem ficar parados e aceitar, é a dialética, a contradição, o empoderamento, a luta, a história, são os sonhos e a esperança em um futuro melhor. Vemos as ocupações das escolas e universidades no Paraná, 2016, como *ondas*, este movimento de não aceitar de braços cruzados, de empoderar-se, de tornar-se indivíduos autônomos, esclarecidos, críticos, reflexivos e humanos. De cobrir a sociedade com um “que” diferente, de “limpar a sujeira” os rastros deixados por uma sociedade nada democrática. De conhecê-la em sua essência e assim buscar a transformação.

Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontremos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais; sem uma compreensão de como a sociedade funciona. (FREIRE, p. 69, 1997).

Segundo Nosella (2010) em estudo dos *Cadernos do Cárcere* de Gramsci, aponta para um movimento de práxis, que é a teoria materializada na compreensão da ação social, da qual Marx já havia identificado. O intelectual orgânico seria o indivíduo que formado, organicamente em sua camada/classe, absorve os elementos culturais e “passou do reino das necessidades para o da liberdade” (p.178). É o conhecer a sociedade e a realidade, para agir sobre ela. Tratando de uma escola que se “ensina a ser livre”.

[...] e quando, na fase da adolescência, o espírito de autonomia e de criatividade explodir com pujança, temeroso de violentar e bloquear essa e incipiente liberdade, abandona o uso da disciplina dogmática e recorre à autodisciplina. Se os automatismos culturais elementares já foram adquiridos no 1º grau da escola, orientar os jovens no exercício de sua liberdade e criatividade pelo uso daqueles automatismos assimilados (estudo, horário, gramática, postura física, leitura, escrita, desenho, drama etc.) não será coisa difícil. Ao contrário, os mestres perceberam com quanto gosto o jovem concretiza sua autonomia e criatividade através do instrumental cultural produtivo moderno (NOSELLA, 2010, p. 186 – 187).

Assim, nas universidades chegarão “[...] jovens mais amadurecidos pelo exercício da liberdade” (p.187). Jovens, estes, que irão desenvolver/amadurecer o senso crítico e reflexivo sobre a sociedade, a divisão de classe, bem como, a política e a economia. Esta é a *onda* da qual me refiro. Onda, enquanto movimento intelectual em busca da liberdade e autonomia. Deixando de ser marionetes de um ensino tradicional falido, que busca na escola pública somente a formação da mão-de-obra qualificada. Segundo Freire, “A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade” (FREIRE, 1997, p. 52).

Daí, a vigilância com que devem atuar, com que devem viver intensamente sua prática educativa; daí seus olhos devendo estar sempre abertos, seus ouvidos, também, seu corpo inteiro aberto às armadilhas de que o chamado “currículo oculto” anda cheio. Daí a exigência que se devem impor de ir tornando-se cada vez mais tolerantes, de ir pondo-se cada vez mais transparentes, de ir virando cada vez mais críticos, de ir fazendo-se cada vez mais curiosos (FREIRE, p. 42, 1997).

A práxis do movimento estudantil se caracteriza no que Freire (1997, p. 23) sistematizou: “a educação não pode senão aspirar ou à domesticação, ou à libertação. Não há terceiro caminho”. A juventude trouxe para discussão os fins da educação e as questões metodológico-didáticas da liberdade, da autonomia e do pensar criticamente, que por muitas vezes foi exaltada pela pedagogia, mesmo em contradição ao sistema de ensino estatal. Ver o movimento que se materializou por meio de iniciativa estudantil, nos dá esperanças no futuro da educação. Que esta, como frisa Mészáros (2008) se concretize “para além do capital”.

*Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia.* Foi desta forma que a onda de movimentos, intitulado “Primavera Paranaense”, atingiu a sociedade. Como uma onda fria e inesperada, retirou a areia dos pés da sociedade capitalista que se dizia quente como a areia da praia. A esfriando.

Um cartaz com a frase “A juventude quer pensar”, nos chamou atenção em uma das ocupações que estivemos, e que refletia a intenção e o empoderamento dos alunos secundaristas e universitários nas ocupações das escolas e universidades do Paraná, em outubro de 2016. Quando o Ministério da Educação anunciou a MP 746 e a PEC 241, como medidas de reorganização das escolas e da educação.

O Ministério da Educação propôs consulta previa aos governos e Secretarias de Educação estadual e que estas fossem discutidas em seus Núcleos Regionais de Educação – NRE. O fato é que, foram discutidas, com a

participação de alunos e professores em todos os NRE's do Estado do Paraná. O resultado foi que, a MP 746 foi rejeitada em sua totalidade, e os indicativos repassados a Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Mas estas não foram as informações que chegaram ao Ministério da Educação. Que infelizmente aprovou, sem ressalvas, a Medida Provisória que reorganiza o Ensino Médio (Em janeiro de 2017).

As primeiras manifestações e consequentemente ocupações, aconteceram a partir de 26 de setembro de 2016, após três dias da publicação da medida no Diário Oficial da União. Até o final de Outubro, mais de 1.100 escolas e 100 universidades estavam ocupadas no Paraná. Novas pautas foram agregadas ao constante do movimento, como: o fim da Lei da Mordaza, investimentos na estrutura física e pedagógica das escolas, a qualidade da merenda dentre outros. Na matéria veiculada pela RBA, podemos verificar o interím do movimento.

O movimento se alastrou como pólvora por todo o Brasil, demonstrando imediatamente como os estudantes não estão dispostos a ter sua educação regida por uma medida provisória do ministro da Educação de um governo que não foi eleito pelo povo. Tampouco os professores, que entraram em greve em vários estados, começando pelo próprio Paraná, e os estudantes universitários também. (SADER, RBA, 30/10/2016).

Além das reivindicações gerais unificadas citadas acima, os alunos também possuíam pautas específicas do coletivo das escolas e das universidades. Em sua maioria tratavam de questões estruturais e pedagógicas. Gritando! para que a sociedade os ouvisse. Como dizia um aluno secundarista em uma roda de conversa, “o aluno também tem voz, precisamos de vez”.

Ao expressarem publicamente suas demandas imprimiram novas faces às lutas sociais pautadas na educação. Após alguns dias, as questões iniciais foram transformadas em práticas de luta (SORDI e MORAIS, 2016, p. 26).

O governo do Paraná tentava incansavelmente a reintegração das escolas ocupadas. E outro movimento, atrelado ao dos alunos surgiu. O dos pais/família. O governo conseguiu uma liminar e “obrigou” os Conselhos Tutelares a averiguar as condições em que os alunos estavam nas escolas. Defendendo que, por serem menores de idade, não poderiam passar noites na escola sem supervisão dos pais. Alguns pais, por medo de ação judicial, proibiram seus filhos de participarem do movimento de ocupação, pelo menos durante a noite. No entanto, outros, decidiram passar a noite com seus filhos na escola. Ora, a escola não é do povo?

***Tudo passa, tudo sempre passará. A vida vem em ondas, como um mar. Num indo e vindo infinito.*** A onda de ocupações tomou uma dimensão não esperada pelos governantes, que viram seu governo e suas decisões políticas se

abalar. No entanto, não era possível deixar como estava.

O governo por meio de suas ações infames e muito bem pensadas tentou desconstruir o movimento do alunado. Seja pela mídia, que transmite inverdades sobre o movimento estudantil, como foi o caso do menino “assassinado” e uma das escolas do Paraná, que até então não foi confirmado ligações com o movimento de ocupações que estava ocorrendo na escola, tentando induzir o pensar do povo, da sociedade, para se portarem contra o movimento. Ou por, frisar que o movimento é conduzido por partidos políticos (de esquerda e contrários ao governo) que querem desestabilizar indivíduos específicos que estão a frente do governo, e se utilizam do alunado para este fim.

Muitos políticos não entendem como esses atos não foram necessariamente organizados por partidos e sindicatos, mas sim em um processo descentralizado, que brotou a partir da insatisfação popular tanto com a persistência de problemas existentes quanto com as soluções que vêm sendo dadas pelos próprios representantes políticos a esses problemas (SAKAMOTO, 2012).

A matéria veiculada pela Folha de São Paulo retratou a fala da aluna Ana Júlia, na Assembleia Legislativa do Paraná, fala sobre acusações feitas, sobre os estudantes estarem sendo usados por partidos políticos. “Um tapa na cara dos deputados”.

A questão é que a gente não tem lado. Nós somos totalmente apartidários. Às vezes as pessoas acabam se confundindo, dizendo que a gente está de um lado ou de outro. Não. A gente é de todos, é para todos. A nossa única bandeira é a educação. Não temos outras bandeiras. (FOLHA DE SÃO PAULO, 27/10/2016).

O fato é que, os governantes não aceitam que as políticas públicas, os projetos sociais e a educação sejam pensadas por quem as utiliza. E assim a gestão, que deveria ser democrática da espaço a um constante campo de luta e “negociações” por direitos. E um Estado com discursos naturalizados para desmoralizar as lutas.

A afirmação de que o "discurso ideológico" é uma espécie de incompetência natural das esquerdas, que insistem em fazê-lo quando já não há ideologia" e quando também, dizem, já ninguém quer ouvi-la é um discurso ideológico e manhoso das classes dominantes. O que está superado não é o discurso ideológico mas o "fanático", o discurso incoseqüente, repetidor de clichês que jamais deveria ter sido pronunciado. O que está ficando cada vez mais inviável, felizmente, é a incontinência verbal, o discurso que se perde numa retórica cansativa que sequer possui sonoridade e ritmo. (FREIRE, 1997, p. 48).

*Tudo que se vê não é, igual ao que a gente viu a um segundo.* Em contraponto aos discursos de ódio, e o uso das mídias, pelo governo, para atacar as mobilizações, os alunos criaram por meio da internet, principalmente do facebook, twitter e whatsapp, grupos de diálogos e informações a respeito das ocupações, intitulado: “Ocupa Paraná”. E os específicos que se utilizavam da palavra “ocupa” e em seguida o nome da escola. Em pesquisa simples feita no facebook, foram encontradas diversas páginas que trazem minuciosamente as pautas, as atividades desenvolvidas nas escolas e universidades, as discussões, as rodas de conversa, formação e diálogo. A página a seguir retrata um dos maiores Colégios Estaduais de Francisco Beltrão-PR.

**Imagem 1: Facebook OCUPA CEMA**



Fonte: <https://www.facebook.com/OCUPACEMA/?fref=ts>, 2017.

A mídia tornou-se uma alternativa, para o movimento de ocupação, que passou a organizar, dialogar e difundir as pautas reivindicatórias a sociedade, não deixando legitimar os ataques e difamações feitos pelo governo, por meio da mídia televisiva.

Não são raros os que têm dificuldade em assimilar como funciona Twitter e facebook, utilizados na organização dos protestos. Eles não são ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Plataformas nas quais vozes dissonantes se conectam e ganham escala, pois não são mediadas pelos veículos tradicionais. Quando a pessoa atua através de uma dessas redes, não reporta simplesmente. Inventa, articula, muda. Vive (SAKAMOTO, 2012).

Sabemos que as mídias podem ser utilizadas em prol dos movimentos. Segundo Bonilla e Pretto,

Nessas dinâmicas, os sujeitos sociais deixam de ser apenas consumidores de informação, bens e serviços e passam a participar do processo de produção como autores. Especialmente na educação, professores e alunos deixam de ser simplesmente atores dos processos educacionais, definidos alhures e sem sua participação, e passam a construir suas próprias dinâmicas, em sintonia com as características próprias de sua comunidade. (2015, p. 29).

As mídias e a própria internet trazem consigo elementos das classes que detém o poder, e seus interesses cristalizados em anúncios, matérias e publicidade. Mas como romper com estes paradigmas hegemônicos? Quando a internet servir não somente como instrumento, mas como espaço de diálogo, formação, emancipação e autonomia, sugerindo o sanar dos interesses e a liberdade de quem a utiliza.

Os discursos neoliberais, cheios de "modernidade", não têm a força suficiente para acabar com as classes sociais e decretar a inexistência de interesses antagônicos entre elas, como não têm forças para acabar com os conflitos e a luta entre elas. O que acontece é que a luta é uma categoria histórica. Tem, por isso, historicidade. Muda de espaço-tempo a espaço-tempo. A luta não nega a possibilidade de acordos, de acertos entre as partes antagônicas. Os acordos fazem parte igualmente da luta (FREIRE, 1997, p. 48).

***Tudo muda o tempo todo no mundo. Não adianta fugir. Nem mentir pra si mesmo agora. Há tanta vida lá fora. Aqui dentro sempre.*** Aprendemos que, apesar de toda a adversidade o movimento se materializou em luta, e que a luta não foi em vão. Foi um componente para o pensar e o fazer educativo, o trabalho coletivo e a formação humana, muito mais do que a escola esta fazendo. Segundo Arroyo (2003) os indivíduos tem um envolvimento totalizante, produzindo vivências existenciais totais, como sujeitos políticos, cognitivos, éticos, sociais, culturais, emocionais, de memória coletiva, de indignação, sujeitos de presente e de futuro. E nos movimentos sociais, vão mexer com tudo, pois o coletivo se arrisca em tudo.

Alargar esse foco supõe ver os educandos para além de sua condição de aluno, de alfabetizando, de escolarizando [...] para vê-los como sujeitos de processos sociais, culturais, educativos mais totalizantes, onde todos estão imersos seja na tensa reprodução de suas existências tão precárias, seja na tensa inserção em lutas tão arriscadas onde tudo esta em jogo (ARROYO, 2003, p. 37).

É neste interim que vamos romper com a “educação bancária” que Freire (1987) nos chama atenção na Pedagogia do Oprimido.

Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (FREIRE, 1987, p. 33).

Por uma educação que ensine os alunos a refletir, criticar e criar mecanismos de mudança social. Os alunos, por meio das ocupações das escolas, não só no Paraná, mas em todo o Brasil, mostraram por meio da luta e da organização coletiva, que esperam um futuro melhor, e que este futuro será vislumbrado por meio da educação.

### **3. Considerações**

*Como uma onda no mar.* Foi como uma onda no mar as ocupações das escolas e universidades no Paraná. Levou com sua força ideologias sociais imutáveis no governo e trouxe esperança em uma educação melhor. Fez o jovem, ficar encharcado de sonhos e projetos. E também renovou um movimento antagônico e histórico que a sociedade acreditava estar morto, e que a onda trouxe a praia.

Os alunos compreenderam a sociedade, os interesses, as ideologias e por meio da luta, nadaram contra a maré. O esforço, as discussões, as noites dormidas nas escolas e universidades, o cansaram fisicamente, mas na reintegração saíram outros indivíduos, pois refletiram sobre sua real condição social e os interesses da classe burguesa com a educação pública. Muitos alunos ingressaram, criaram, reviveram os Grêmios Estudantis e DCE's, exigiram a participação nas discussões pedagógicas e no orçamento da escola e das Universidades. E não foram só eles modificados, fomos nós professores, a família, os amigos, o ensino, a sociedade, a economia, a política dentre outros.

As ondas de ocupações trouxeram o empoderamento aos alunos, como um movimento consistente que transformou a sociedade e mudou a consciência em um trabalho coletivo. Na internet em suas redes sociais, discutem gênero, sexualidade, feminismo, racismo, cotas, política, economia, cultura e principalmente educação. Defendem seus mestres

e definiram uma luta constante por uma educação de qualidade.

As ocupações das escolas tomaram grandes proporções em todo o Brasil e nos fizeram refletir sobre este movimento encabeçado pelos estudantes secundaristas e universitários. Com pautas bem definidas, tomaram os espaços por eles de direito e fizeram uma sociedade toda repensar sobre a educação e sobre a força do alunado, antes vistos pelo sistema como “marionetes”, moldados e remoldados pelo sistema educacional, indignos das discussões dos “adultos”, em uma visão tradicional de ensino.

Nada será como antes depois desta primavera estudantil. Visitei os alunos do Colégio Estadual do Paraná, que atenderam apelos dos colegas de outras escolas e reviram a decisão de desocupar. E disseram ter crescido mais nesse tempo do que nos cursos (SADER, RBA, 30/10/2016).

Deixamos este fragmento, da mídia, para pensarmos os rumos que educação poderá tomar. A onda foi enfraquecida visualmente, mas não conhecemos o profundo do mar (escolas) e o que esta se formando por lá.

#### 4. Referências

ARROYO, Miguel G. **Pedagogia em movimento: O que temos que aprender dos movimentos sociais?** Curriculo sem fronteiras. V.3, n.1, p. 28-49, jan/jun 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.**

BONILLA, Maria Helena. PRETTO, Nelson de Luca. **Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação.** Em Aberto. V. 28. P. 23 – 40. 2015.

CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação – Rebeliões de 2011. In: HARVEY, David et al. **Occupy!: movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARVEY, David. “Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis”. In \_\_\_\_\_ et al. **Occupy!: movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** Boitempo, são Paulo, 2008.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Cortez. São Paulo, 2010.

SAKAMOTO, Leonardo. “Síntese contra-capá”. In \_\_\_\_\_ et al. **Occupy!:** movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

SORDI, de N. Denise. MORAIS, Paulo Sérgio. “**Os estudantes ainda estão famintos!**”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. Religacion. P. 25 – 43, 2016.

### **Sites Consultados**

OCUPA CEMA. Disponível em: <https://www.facebook.com/OCUPACEMA/?fref=ts> Acesso em: **20/02/2017.**

DICIO. COM. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/onda/> Acesso em: **30/11/2016.**

SADER, Emir. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2016/10/nada-sera-como-antes-depois-desta-primavera-estudantil-184.html> acesso em **29/12/2016.**

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2016/11/13/ocupacoes-das-escolas-por-que-devemos-ouvir-os-estudantes.htm> Acesso em: **16/11/2017**